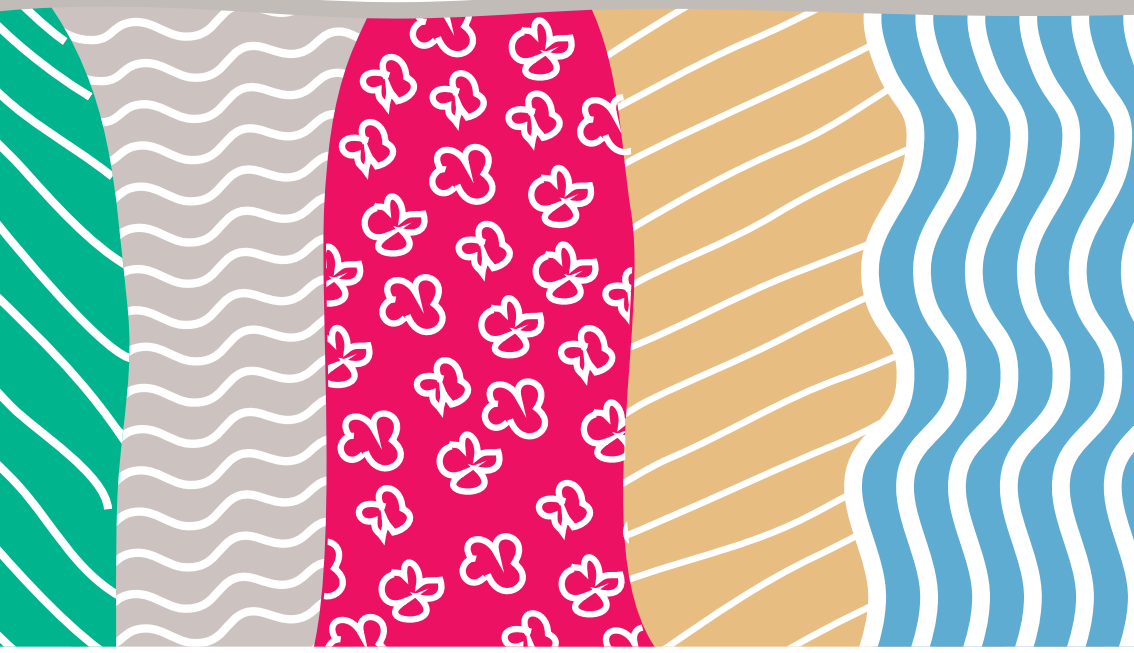
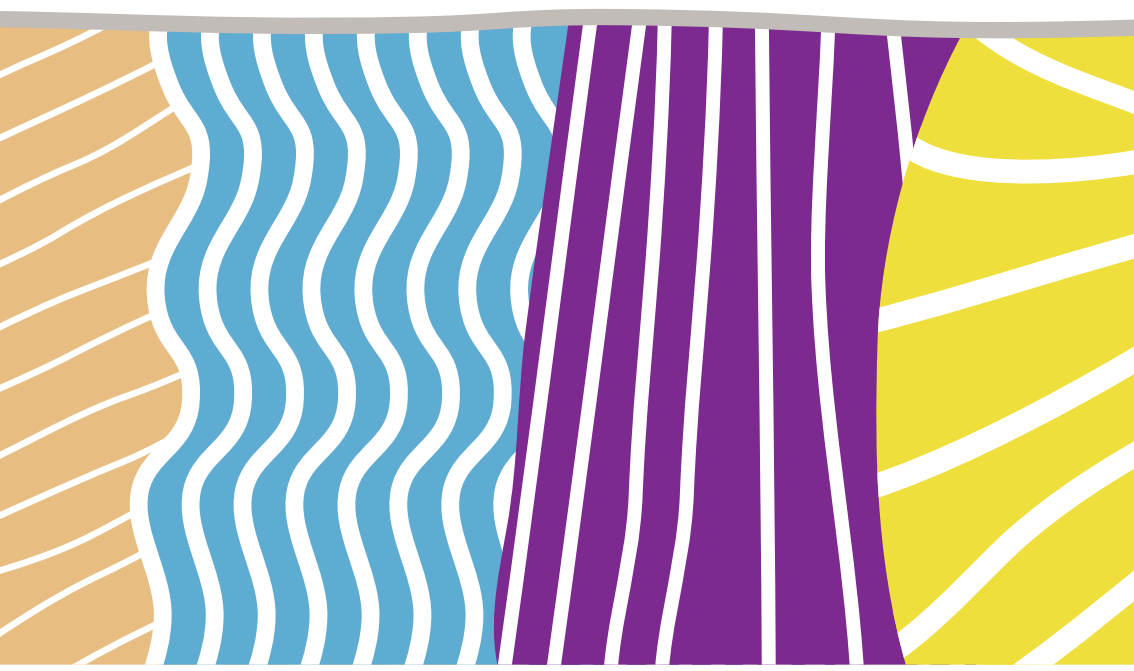


CANCIONEIRO



Povos e Territórios: Resistindo
e Transformando o Semiárido





UM PUNHADO DE POESIAS.....	5
MIGRANTE.....	5
CANTO DE GALO	6
MÚSICA DOS URUBUS.....	6
OS ANIMAIS TÊM RAZÃO.....	7
FLORIÔ	10
MARIA, MARIA	10
NÃO VOU SAIR DO CAMPO	11
AI QUE SAUDADE DE OCÊ	11
NEGO NAGÔ	12
XOTE ECOLÓGICO	12
BAIÃO	13
SEM MEDO DE SER MULHER.....	13
O QUE É, O QUE É?	14
SÚPLICA CEARENSE	15
CANTO DAS TRÊS RAÇAS.....	15
ORDEM E PROGRESSO	16
TROPEIROS DA BORBOREMA.....	16
O CANTO DA EMA	17
FEIRA DE MANGAIO	17
O CIO DA TERRA	18
ASA BRANCA.....	18
RIACHO DO NAVIO.....	18
LUAR DO SERTÃO	19
DISPARADA	20
XOTE DAS MENINAS	21
EU SÓ QUERO UM XODÓ.....	21

ASSIM JÁ NINGUÉM CHORA MAIS.....	22
CAUSA NOBRE	22
TERRA E RAIZ	23
PISA NA FULÔ.....	23
BATE CORAÇÃO.....	24
LAMENTO SERTANEJO	24
DESABAFO	24
MINHA CIRANDA.....	25
DESCOBRIMOS LÁ NA BASE.....	25
ABRE-ALAS	26
MULHER RENDEIRA.....	26
PETROLINA - JUAZEIRO	26
FESTA NA CAATINGA.....	27
ÁGUA DE CHUVA	27
BELEZA ILUMINADA	28
CHEGA DE ESMOLA	28
COMIDA SERTANEJA.....	29
BODE.....	29
SOFRÊ	30
PAI NOSSO DOS MÁRTIRES	30
SEBASTIANA.....	31
O RABO DO JUMENTO.....	31
NA SOMBRA DO JUAZEIRO.....	31
CARCARÁ.....	32
FUNERAL DE UM LAVRADOR	32
A VOLTA DA ASA BRANCA	33
LINDO LAGO DO AMOR.....	34
ASSUM PRETO	34

UM PUNHADO DE POESIAS (GEOVÁ COSTA)

Oh, meu pai, por favor!
 Minha mãe, não insista não!
 Eu não quero ser doutor
 Não tenho nenhuma vocação
 Meu negócio é fazer versos
 Quando vem inspiração

E quando me vem a melodia
 Com um punhado de poesias
 Faço uma bela canção
 Gosto mesmo é de ouvir
 Um galope a beira mar
 Um canto, um improviso
 Do artista popular

Ai, como me dava alegria
 Ouvir Elizeu Ventania
 Concriz e João Preá
 Gosto mesmo é viajar
 De trem de carro ou a pé
 Lendo um livro ou um cordel
 Do Patativa do Assaré
 E os versos de Antônio Francisco
 Tem a força um corisco
 E a beleza da mulher!

MIGRANTE (GENILDO COSTA)

Nos meus olhos poças d'água
 Nos meus olhos poças d'água
 Poeira de Estrada e um canto de dor

No saco uma viola cansada...
 No saco uma viola cansada...

Velha Roupa desbotada
 Que com o tempo desbotou
 No centro das capitais
 Cruzo a avenida beijando a noite
 Como se eu fosse o primeiro dos
 animais

Sobre a cabeça arranha-céus
 Revelo meus segredos em pedaços de
 papel
 Viu? A coisa aqui é diferente
 Os dias se passam depressa...
 Tão depressa que a gente nem sente



CANTO DE GALO

(GONZAGA DE AREIAS E GENILDO COSTA)

Meia noite canta o galo
Nesse torrão nordestino
O canto do galo é choro
Desse escravo em desarrimo

Balada desiludida, meia noite canta o galo
E os fragmentos da vida desse infeliz proletário

Lá no céu brilha uma estrela
Estrela Dalva sofrida
Sonhos, trapos dessa gente
Quanta esperança ida

E o capital anuncia
Que cada um por si só
Vitória da mais valia
E o diabo com o pior

Corre nesse vale exangue
Alienada matéria
Em suor gotas de sangue
De sofrimento e espera

De esperar que Jesus
Que Cristo nosso senhor
Mude os rumos dessa vida
Que o próprio homem traçou

MÚSICA DOS URUBUS

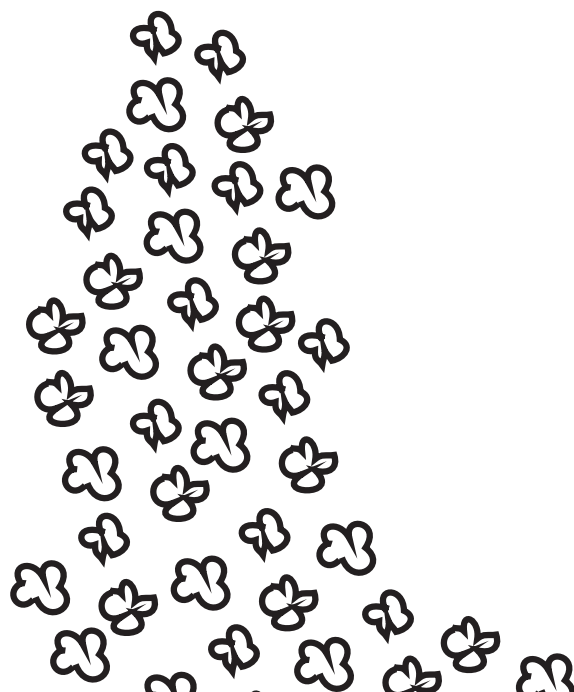
(COMPOSIÇÃO: CAIO CÉZAR MUNIS /
MÚSICA: GENILDO COSTA)

Não é possível um país assim tão rico
Onde tantos desfrutam seu lazer
Nas cidades ainda haja tanta gente
Tão perdidas sem ter o que comer

Não é possível sonhar com a nação
Justa, que possa se dizer
Que o povo é belo e é feliz
Com essas cenas tão tristes que se vê

Não se sonha o sonho da criança
Que no lixo procura a esperança
Sob os olhos ardis dos urubus

Um país dessa forma meus senhores
Ó nos pode trazer milhões de dores
Que apesar de vestidos estamos nus



OS ANIMAIS TÊM RAZÃO

POETA ANTÔNIO FRANCISCO

E sair dali pensando:
Como pode a natureza
Num clima tão quente e seco,
Numa terra indefesa
Com tanta adversidade
Criar tamanha beleza.

O juazeiro, seu moço,
É pra nós a resistência,
A força, a garra e a saga,
O grito de independência
Do sertanejo que luta
Na frente da emergência.
Nos seus galhos se agasalham
Do periquito ao canção.
É hotel do retirante
Que anda de pé no chão,
O general da caatinga
E o vigia do sertão.

E foi debaixo de um deles
Que eu vi um porco falando,
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando,
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.

Isso já faz tanto tempo
Que eu nem me lembro mais
Se foi pra lá de Fortim,
Se foi pra cá de Cristais,
Eu só me lembro direito
Do que disse os animais.

Eu vinha de Canindé
Com sono e muito cansado,

Quando vi perto da estrada
Um juazeiro copado.
Subi, armei minha rede
E fiquei ali deitado.

Como a noite estava linda,
Procurei ver o cruzeiro,
Mas, cansado como estava,
Peguei no sono ligeiro.
Só acordei com uns gritos
Debaixo do juazeiro.

Quando eu olhei para baixo
Eu vi um porco falando,
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando,
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.
O porco dizia assim:
— “Pelos barbas do capeta!
Se nós ficarmos parados
A coisa vai ficar preta...
Do jeito que o homem vai,
Vai acabar o planeta.

Já sujaram os sete mares
Do Atlântico ao mar Egeu,
As florestas estão capengas,
Os rios da cor de breu
E ainda por cima dizem
Que o seboso sou eu.

Os bichos bateram palmas,
O porco deu com a mão,
O rato se levantou
E disse: — “Prestem atenção,
Eu também já não suporto
Ser chamado de ladrão.
O homem, sim, mente e rouba,
Vende a honra, compra o nome.

Nós só pegamos a sobra
Daquilo que ele come
E somente o necessário
Pra saciar nossa fome.”

Palmas, gritos e assovios
Ecoaram na floresta,
A vaca se levantou
E disse franzindo a testa:
– “Eu convivo com o homem,
Mas sei que ele não presta.

É um mal-agradecido,
Orgulhoso, inconsciente.
É doido e se faz de cego,
Não sente o que a gente sente,
E quando nasce e tomando
A pulso o leite da gente.

Entre aplausos e gritos,
A cobra se levantou,
Ficou na ponta do rabo
E disse: – “Também eu sou
Perseguida pelo homem
Pra todo canto que vou.

Pra vocês o homem é ruim,
Mas pra nós ele é cruel.
Mata a cobra, tira o couro,
Come a carne, estoura o fel,
Descarrega todo o ódio
Em cima da cascavel.

É certo, eu tenho veneno,
Mas nunca fiz um canhão.
E entre mim e o homem,
Há uma contradição
O meu veneno é na presa,
O dele no coração.
Entre os venenos do homem,

O meu se perde na sobra...
Numa guerra o homem mata
Centenas numa manobra,
Inda tem cego que diz:
Eu tenho medo de cobra.”

A cobra inda quis falar,
Mas, de repente, um esturro.
É que o rato, pulando,
Pisou no rabo do burro
E o burro partiu pra cima
Do rato pra dar-lhe um murro.

Mas, o morcego notando
Que ia acabar a paz,
Pulou na frente do burro
E disse: – “Calma, rapaz!...
Baixe a guarda, abra o casco,
Não faça o que o homem faz.”

O burro pediu desculpas
E disse: – “Muito obrigado,
Me perdoe se fui grosseiro,
É que eu ando estressado
De tanto apanhar do homem
Sem nunca ter revidado.”

O rato disse: – “Seu burro,
Você sofre porque quer.
Tem força por quatro homens,
Da carroça é o chofer...
Sabe dar coice e morder,
Só apanha se quiser.”

O burro disse: – “Eu sei
Que sou melhor do que ele.
Mas se eu morder o homem
Ou se eu der um coice nele
É mesmo que estar trocando
O meu juízo no dele.

Os bichos todos gritaram:
– “Burro, burro... muito bem!”
O burro disse: – “Obrigado,
Mas aqui ainda tem
O cachorro e o morcego
Que querem falar também.”

O cachorro disse: – “Amigos,
Todos vocês têm razão...
O homem é um quase nada
Rodando na contramão,
Um quebra-cabeça humano
Sem prumo e sem direção.

Eu nunca vou entender
Por que o homem é assim:
Se odeiam, fazem guerra
E tudo o quanto é ruim
E a vacina da raiva
Em vez deles, dão em mim.”

Os bichos bateram palmas
E gritaram: – “Vá em frente.”
Mas o cachorro parou,
Disse: – “Obrigado, gente,
Mas falta ainda o morcego
Dizer o que ele sente.”

O morcego abriu as asas,
Deu uma grande risada
E disse: – “Eu sou o único
Que não posso dizer nada
Porque o homem pra nós
Tem sido até camarada.

Constrói castelos enormes
Com torre, sino e altar,
Põe cerâmica e azulejos
E dão pra gente morar
E deixam milhares deles

Nas ruas, sem ter um lar.”
O morcego bateu asas,
Se perdeu na escuridão,
O rato pediu a vez,
Mas não ouvi nada, não.
Peguei no sono e perdi
O fim da reunião.

Quando o dia amanheceu,
Eu descí do meu poleiro.
Procurei os animais,
Não vi mais nem o roteiro,
Vi somente umas pegadas
Debaixo do juazeiro.

Eu disse olhando as pegadas:
Se essa reunião
Tivesse sido por nós,
Estava coberto o chão
De piubas de cigarros,
Guardanapo e papelão.

Botei a maca nas costas
E saí cortando o vento.
Tirei a viagem toda
Sem tirar do pensamento
Os sete bichos zombando
Do nosso comportamento.

Hoje, quando vejo na rua
Um rato morto no chão,
Um burro mulo piado,
Um homem com um facão
Agredindo a natureza,
Eu tenho plena certeza:
Os animais têm razão.

FLORIÔ (ZÉ PINTO)

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
milho na palha, coração cheio de amor.
Povo sem terra fez a guerra por justiça
visto que não tem preguiça
este povo de pegar
cabo de foice, também cabo de enxada
pra poder fazer roçado
e o Brasil se alimentar.
Com sacrifício debaixo da lona preta
inimigo fez careta
mas o povo atravessou
rompendo cercas
que cercam a filosofia
de ter paz e harmonia
para quem planta o amor.
Erguendo a fala
gritando Reforma Agrária,
porque a luta não
para quando se conquista o chão
fazendo estudo,
juntando a companheirada
criando cooperativa
pra avançar a produção.

MARIA, MARIA (MILTON NASCIMENTO/ FERNANDO BRANDT)

Maria, Maria,
É um dom,
Uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
Maria, Maria,
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força,
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria,
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha,
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida...

NÃO VOU SAIR DO CAMPO (GILVAN SANTOS)

Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola
O povo camponês
O homem e a mulher
O negro quilombola
Com seu canto de afoxé
Ticuna, Caeté
Castanheiros, seringueiros
Pescadores e posseiros

Nesta luta estão de pé
Cultura e produção
Sujeitos da cultura
A nossa agricultura
Pro bem da população
Construir uma nação
Construir soberania
Pra viver o novo dia
Com mais humanização

Quem vive da floresta
Dos rios e dos mares
De todos os lugares
Onde o sol faz uma fresta
Quem a sua força empresta
Nos quilombos nas aldeias
E quem na terra semeia
Venha aqui fazer a festa

AI QUE SAUDADE DE OCÊ (GERALDO AZEVEDO)

Não se admire se um dia
Um beija flor invadir
a porta da tua casa
Te der um beijo e partir
Foi eu que mandei um beijo
Pra matar meu desejo
Faz tempo que eu não te vejo
Ai que saudade do cê
Se um dia você se lembrar
Escreva uma carta pra mim
Bote logo no correio
com frases dizendo assim
Faz tempo que eu não te vejo
Quero matar o meu desejo
Te mando um monte de beijo
Ai que saudade sem fim
E se quiser recordar
Aquele nosso namoro
Quando eu ia viajar
você caia no choro
Eu ia chorando pela estrada
mas o que eu posso fazer
Trabalhar é minha sina
Eu gosto mesmo é de ocê

NEGO NAGÔ (PASTORAL DA JUVENTUDE)

Eu vou tocar minha viola
Eu sou um negro cantador
O negro canta, deita e rola
Lá na senzala do Senhor

Dança aí, nego nagô
Dança aí, nego nagô
Dança aí, nego nagô
Dança aí, nego nagô
Oh oh oh

Tem que acabar com essa história
De negro ser inferior
O negro é gente e quer escola
Quer dançar samba e ser doutor

O negro mora em palafita
Não é culpa dele, não senhor
A culpa é da abolição
Que veio e não o libertou

Vou botar fogo no engenho
Aonde o negro apanhou
O negro é gente como outro
Quer ter carinho e ter amor

XOTE ECOLÓGICO (LUIZ GONZAGA)

Não posso respirar,
não posso mais nadar
a terra está morrendo
não dá mais pra plantar
se plantar não nasce, se nascer não dá
até pinga da boa é difícil de encontrar.

Não posso respirar,
não posso mais nadar
a terra está morrendo
não dá mais pra plantar
se plantar não nasce,
se nascer não dá
até pinga da boa
é difícil de encontrar.

Cadê a flor que estava aqui?
poluição comeu.
O peixe que é do mar?
poluição comeu.
O verde onde é que está?
poluição comeu.
Nem o Chico Mendes sobreviveu.



BAIÃO (LUIZ GONZAGA)

Eu vou mostrar pra vocês
Como se dança o baião
E quem quiser aprender
É favor presta atenção

Morena chega pra cá,
Bem junto ao meu coração
Agora é só me seguir
Pois eu vou dançar o baião

Eu já dancei, balancê,
Xamego, samba e Xerém
Mas o baião tem um quê,
Que as outras danças não têm
Oi quem quiser só dizer,
Pois eu com satisfação
Vou dançar cantando o baião

Eu já cantei no Pará
Toquei sanfona em Belém
Cantei lá no Ceará
E sei o que me convém
Por isso eu quero afirmar
Com toda convicção
Que sou doido pelo baião

SEM MEDO DE SER MULHER (ZÉ PINTO)

Pra mudar a sociedade
Do jeito que a gente quer
Participando sem medo
De ser mulher. (2X)

Por que a luta não é só dos companheiros
Participando sem medo ser mulher.
Pisando firme sem medir nenhum segredo
Participando sem medo ser mulher.
Pois sem mulher a luta vai pala metade
Participando sem medo ser mulher.
Fortalecendo os movimentos populares
Participando sem medo ser mulher.
Na aliança operaria e camponesa
Participando sem medo ser mulher.
Pois a vitória vai ser nossa com certeza
Participando sem medo ser mulher.



O QUE É, O QUE É?

(GONZAGUINHA)

Eu fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
Viver e não ter a vergonha de ser feliz, Cantar,
A beleza de ser um eterno aprendiz
Eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será,
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita e é bonita!

E a vida? E a vida o que é, diga lá, meu irmão?
Ela é a batida de um coração?
Ela é uma doce ilusão?
Mas e a vida?
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é, meu irmão?

Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo,
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo,
Há quem fale que é um divino mistério profundo,
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor.
Você diz que é luta e prazer,
Ele diz que a vida é viver,
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é, e o verbo é sofrer.
Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé,
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser,
Sempre desejada por mais que esteja errada,
Ninguém quer a morte, só saúde e sorte,
E a pergunta roda, e a cabeça agita.
Fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
É a vida! É bonita e é bonita!

SÚPLICA CEARENSE

(GORDURINHA & NELINHO)

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar

Oh! Deus,
será que o Senhor se zangou
E só por isso o sol se arretirou
Fazendo cair toda chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol
se esconder um tiquinho
Pedi pra chover,
mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão

Meu Deus,
se eu não rezei direito
o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer
oração

Meu Deus,
perdoe eu encher os meus olhos de
água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa
Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedi a toda hora
pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir
para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará

CANTO DAS TRÊS

RAÇAS

(MAURO DUARTE E PAULO
CÉSAR PINHEIRO)

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô

ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

ORDEM E PROGRESSO (ZÉ PINTO)

Esse é o nosso país
Essa é a nossa bandeira
É por amor a essa pátria Brasil
Que a gente segue em fileira

Queremos que abrace essa terra
Por ela quem sente paixão
Quem põe com carinho a semente
Pra alimentar a nação
Quem põe com carinho a semente
Pra alimentar a nação
Amarelos são os campos floridos
As faces agora rosadas
Se o branco da paz se irradia
Vitória das mãos calejadas
Se o branco da paz se irradia
Vitória das mãos calejadas

Esse é o nosso país...
Queremos mais felicidades
No céu deste olhar cor de anil
No verde esperança sem fogo
Bandeira que o povo assumiu
No verde esperança sem fogo
Bandeira que o povo assumiu
A ordem é ninguém passar fome
Progresso é o povo feliz
A Reforma Agrária é a volta

Do agricultor à raiz
A Reforma Agrária é a volta
Do agricultor à raiz

Esse é o nosso país..

TROPEIROS DA BORBOREMA (LUIZ GONZAGA)

Estala relho marvado
Recordar hoje é meu tema
Quero é rever os antigos
tropeiros da Borborema

São tropas de burros que vêm do sertão
Trazendo seus fardos de pele e algodão
O passo moroso só a fome galopa
Pois tudo atropela os passos da tropa
O duro chicote cortando seus lombos
Os cascos feridos nas pedras aos tombos
A sede e a poeira o sol que desaba
Rolando caminho que nunca se acaba

Estala relho marvado
Recordar hoje é meu tema
Quero é rever os antigos
tropeiros da Borborema
Assim caminhavam as tropas cansadas
E os bravos tropeiros buscando pousada
Nos ranchos e aguadas
dos tempos de outrora
Saindo mais cedo que a barra da aurora
Riqueza da terra que tanto se expande
E se hoje se chama de Campina Grande
Foi grande por eles
que foram os primeiros
Ó tropas de burros, ó velhos tropeiros.

O CANTO DA EMA JACKSON DO PANDEIRO

A ema gemeu
No tronco do jurema

Foi um sinal bem triste, morena
Fiquei a imaginar
Será que o nosso amor, morena
Que está pra se acabar

A ema gemeu...

Você bem sabe
Que a ema quando geme
Vem trazendo no seu canto
Um bocado de azar
Eu tenho medo, morena
Pois acho que é muito cedo
Muito cedo, meu benzinho
Para esse amor se acabar

Vem morena
Vem, vem ,vem
Me beijar
Me beijar
Dá um beijo
Dá um beijo
Pra esse medo se acabar

FEIRA DE MANGAIO (SIVUCA E GLORINHA GADELHA)

Fumo de rolo, arreio de cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Bolo de milho, broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar

E Zé saiu correndo
pra feira dos pássaros
E foi pássaro voando pra todo lugar
Tinha uma vendinha no canto da rua,
onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambú assado,
e olhar pra Maria do Joá
Tinha uma vendinha no canto da rua,
onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambú assado,
e olhar pra Maria do Joá
Cabresto de cavalo e rabichola
Eu tenho pra vender,
quem quer comprar
Farinha, rapadura e graviola
Eu tenho pra vender,
quem quer comprar
Pavio de candeeiro, panela de barro
Menino vou me embora,
tenho que voltar
Xaxar o meu roçado
que nem boi de carro
Alpargata de arrasto não quer me levar
Porque tem um Sanfoneiro
no canto da rua,
fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de Purcina fazendo renda,
e o ronco do fole sem parar
mas é que tem um Sanfoneiro
no canto da rua,
fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de Purcina fazendo renda,
e o ronco do fole sem parar

O CIO DA TERRA

(CHICO BUARQUE, MILTON NASCIMENTO)

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar do pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
roubar da cana a doçura do mel
Se lambusar de mel

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra propícia estação
E fecundar o chão

ASA BRANCA

LUIZ GONZAGA

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

RIACHO DO NAVIO

LUIZ GONZAGA

Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco

O rio São Francisco
Vai bater no mei' do mar
O rio São Francisco
Vai bater no mei' do mar

Se eu fosse um peixe
Ao contrário do rio
Nadava contra as águas
E nesse desafio

Saía lá do mar pro
Riacho do Navio
Eu ia direitinho pro
Riacho do Navio
Pra ver o meu brejinho
Fazer umas caçada
Ver as "pegá" de boi
Andar nas vaquejada

Dormir ao som do chocalho
E acordar com a passarada
Sem rádio e sem notícia
Das terra civilizada
Sem rádio e sem notícia

LUAR DO SERTÃO

(CATULO DA PAIXÃO CEARENSE /
JOÃO PERNAMBUCO)

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão"

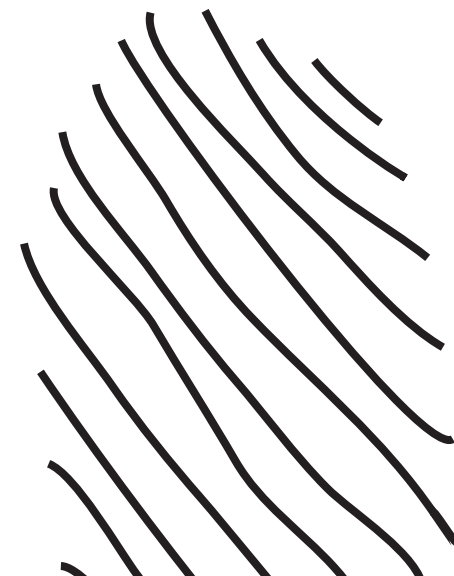
Oh! que saudade
do luar da minha terra
Lá na serra braqueando
folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade
do luar lá do sertão

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão

Se a lua nasce
por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata
prateando a solidão
E a gente pega na viola que ponteia
E a canção é a Lua Cheia
a nos nascer do coração

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Mas como é lindo
ver depois pro entre o mato
Deslizar calmo regato transparente
como um véu
No leito azul das suas águas
murmurando
E por sua vez roubando
as estrelas lá do céu

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão



DISPARADA

(GERALDO VANDRE/THEO DE BARROS)

Prepare o seu coração prás coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar, eu vivo prá consertar

Na boiada já fui boi, mas um dia me montei
Não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse, porém por necessidade
Do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente, pela vida segurei
Seguia como num sonho, e boiadeiro era um rei
Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando
As visões se clareando, até que um dia acordei

Então não pude seguir valente em lugar tenente
E dono de gado e gente, porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente
Se você não concordar não posso me desculpar
Não canto prá enganar, vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado, vou cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém, que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse, por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu querer ir mais longe do que eu

Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte num reino que não tem rei

XOTE DAS MENINAS

(ZÉ DANTAS / LUIZ GONZAGA -IRMÃOS
VITALE)

Mandacaru quando flora na seca
É o sinal que a chuva chega no sertão
Toda menina que enjoa da boneca
É sinal que o amor já chegou no coração...

Meia comprida não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado não quer mais vestir
timão...

Ela só quer
Só pensa em namorar
Ela só quer
Só pensa em namorar...

De manhã cedo já tá pintada
Só vive suspirando sonhando acordada
O pai leva ao dotô a filha adoentada
Não come, nem estuda
Não dorme, e nem quer nada...

Ela só quer
Só pensa em namorar
Ela só quer
Só pensa em namorar...

Mas o doutor nem examina
Chamando o pai de lado lhe diz logo em
surdina
Que o mal é da idade e que prá tal menina
Não há um só remédio em toda medicina...

Ela só quer
Só pensa em namorar
Ela só quer
Só pensa em namorar...

EU SÓ QUERO UM

XODÓ

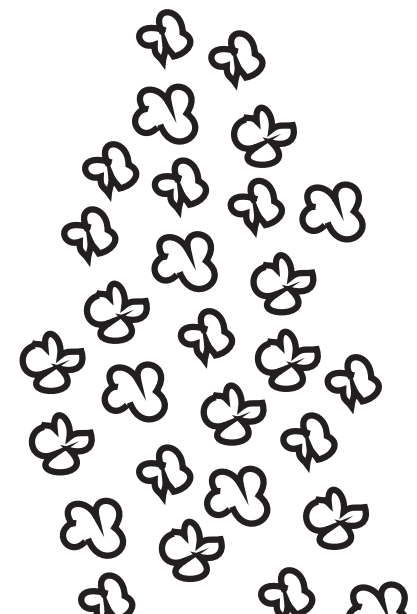
(DOMINGUINHOS)

Que falta eu sinto de um bem
Que falta me faz um xodó
Mas como eu não tenho ninguém
Eu levo a vida assim tão só...

Eu só quero um amor
Que acabe o meu sofrer
Um xodó pra mim
Do meu jeito assim
Que alegre o meu viver

Que falta eu sinto de um bem
Que falta me faz um xodó
Mas como eu não tenho ninguém
Eu levo a vida assim tão só...

Eu só quero um amor
Que acabe o meu sofrer
Um xodó pra mim
Do meu jeito assim
Que alegre o meu viver...



ASSIM JÁ NINGUÉM CHORA MAIS (ZÉ PINTO)

Sabemos que o capitalista
diz não ser preciso
ter Reforma Agrária
Seu projeto traz miséria
Milhões de sem terra
jogados na estrada
com medo de ir pra cidade
enfrentar favela (1)
fome e desemprego
Saída nessa situação
é segurar as mãos
de outros companheiros.
E assim já ninguém
chora mais
ninguém tira o pão
de ninguém
chão onde pisava o boi (2)
é feijão e arroz,
capim já não convém.
Compadre junte ao Movimento (3)
Convide a comadre
e a criança
Porque a terra só pertence
a quem traz nas mãos
os calos da enxada
Se somos contra o latifúndio
da Mãe Natureza
Somos aliados
E viva a vitória no chão
Sem a concentração
dos latifundiários.
Seguimos ocupando terra
derrubando cercas (4)
conquistando o chão
Que chore o latifundiário
pra sorrir os filhos

de quem colhe o pão
E a luta por Reforma Agrária
a gente até pára
se tiver, enfim
coragem a burguesia agrária
de ensinar seus filhos a comer capim.

CAUSA NOBRE (ZÉ PINTO)

Partindo da necessidade
de ter um pedaço de chão
pra dar o sustento aos filhos
aos filhos de nossa nação
Cansado de pôr a enxada
nas terras apenas do patrão
e ver chegar o fim do ano
tantos desenganos sem nenhum
tostão.
Sem terra estão se organizando
de norte a sul deste país
pra derrubar o latifúndio
que deixa o povo sem raiz
Cansado de tantas promessas
e ver tanta enganação
jogada dos politiqueiros
que o tempo inteiro roubam a nação.
O vento sempre companhia
em cima de um caminhão
no peito vai muita vontade
de ver o fruto desta ação
E vai também a mulherada
com muita participação
mostrando com capacidade
que tem outras lutas além do fogão.
E a luta segue organizada
com muita determinação
derrubando as cercas da morte
e o poder do tubarão

Nas mãos de quem nela trabalha
e o fim dessa concentração
pois ela sim é mãe dos pobres
nesta causa nobre da revolução.

TERRA E RAIZ (OFICINA NACIONAL DOS MÚSICOS DO MST)

A chuva cai sobre a natureza
e a planta cresce gerando a riqueza
e o trabalhador luta com certeza
pra não faltar o pão sobre nossa mesa.

Refrão

A terra guarda a raiz
da planta que gera o pão
a madeira que dá o cabo
da enxada e do violão.
Liberdade é pão, é vida
Terra-mãe, trabalho e amor
é o grito da natureza
viola de um cantor.
É o povo em movimento
contra as cercas da concentração
com um sorriso de felicidade
e a história na palma da mão.

PISA NA FULÔ (JOÃO DO VALE/SILVEIRA JR./ ERNESTO PIRES)

Pisa na fulô, pisa na fulô
Pisa na fulô, não maltrata meu amô
Eu vi menina qui nem tinha doze ano
Agarrá seu par, também sair dançando
Satisfeita e dizendo
Meu amô, ai como é gostoso
pisa na fulô
Pisa na fulô, pisa na fulô...

Um dia desse fui dançá lá em Pedreira
Na rua da Golada
e gostei da brincadeira
Zé Caxangá era o tocador
Mas só tocava pisa na fulô

Sô Serafim cuchichava a Marvió
Sô capaz de jurá
que eu nunca vi forró mió
Inté vovó garrô na mão de vovô
Vão'bora, meu veinho, pisa na fulô
Pisa na fulô, pisa na fulô...

De madrugada Zeca Caxangá
Disse ao dono da casa
num precisa me pagá
Mas por favô, arranje outro tocadô



BATE CORAÇÃO (MARINÊS)

Bate, bate, bate coração
Dentro desse velho peito
Você já está acostumado
a ser maltratado
A não ter direito

Bate, bate, bate coração,
Não ligue deixe quem quiser falar
Porque o que se leva
dessa vida coração
É o amor que a gente tem pra dar

Oi tum, tum bate coração
Oi tum coração pode bater
Oi tum, tum bate coração
Que eu morro de amor
com muito prazer (2x)

As águas desaguam para o mar,
Meus olhos vivem cheios d'água
Rolando, molhando o meu rosto
de tanto desgosto
Me causando mágoa

Mas meu coração só tem amor
E amor tivera mesmo pra valer
Por isso a gente pena,
Sofre e chora coração
E morre todo dia sem saber.

Oi tum, tum, bate coração
Oi tum coração pode bater
Oi tum, tum bate coração
Que eu morro de amor
com muito prazer (2x).

LAMENTO SERTANEJO (DOMINGUINHOS)

Por ser de lá
Do sertão, lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga e do roçado
Eu quase não saio
Eu quase não tenho amigo
Eu quase que não consigo
Ficar na cidade sem viver contrariado
Por ser de lá
Na certa, por isso mesmo
Não gosto de cama mole
Não sei comer sem torresmo
Eu quase não falo
Eu quase não sei de nada
Sou como rês desgarrada
Nessa multidão,
boiada caminhando a esmo

DESABAFO (MARINÊS)

Eu quero a minha vida
Como ela é
Como o povo sabe
Com o chão no pé
Como a água doce
Pra matar a sede
Me deitar na rede
Tomar o café
Ser um ser humano
Sem tabu, sem preconceito
Ser errado, ser direito
Acreditar e não ter fé
Cada um sabe o sapato onde aperta
A minha porta é aberta

Qualquer um pode entrar
Não ligo, faço, aconteço
No outro dia eu esqueço
Pra de novo começar
A minha vida sem chorar
E quem quiser pode falar
Falar, falar, falar, falar, falar, falar
Que eu não vou mudar

MINHA CIRANDA (LIA DE ITAMARACÁ)

Minha ciranda não é minha só
Ela é de todos nós
A melodia principal quem
Guia é a primeira voz
Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção



DESCOBRIMOS **LÁ NA BASE** (ZÉ PINTO)

Descobrimos lá na base
que a tal da Reforma Agrária
do papel não vai sair
Pelo pedaço de chão
pra colher o nosso pão
vamos ter que nos unir
Companheiro e companheira
Vitória vai ser ligeira
se todos se organizarem
A gente faz acampamento,
tira pão para o sustento
e Reforma Agrária é pra já.
E vamos entrar naquela terra
e não vamos sair
Nosso lema é ocupar,
resistir e produzir.
A gente faz caravana
Arrisca entrar em cana
mas tem que ser por aí
Sindicatos combativos
isto tudo é preciso
para a luta prosseguir
A classe trabalhadora
que é a mais sofredora
já começa a perceber
que nós somos maioria
e que vai chegar o dia
com um novo amanhecer.
Pelo fim do latifúndio
Chega João, chega Raimundo
Isso vai ter que mudar
Nessa América Latina
Será que a nossa sina

vai ser sofrer sem parar
Mas eu nisso não acredito
Por isso eu tenho dito
Vamos todos dar as mãos
É a força popular
levantando essa bandeira
Reforma Agrária é no chão.
Se for dura essa parada
a gente pega na marra
não dá pra ser diferente
Pois os homens têm dinheiro
compram armas no estrangeiro
pra poder matar a gente
Contra esse capitalismo
vamos firmes, decididos
não deixar pra outra hora
É a classe organizada
passo a passo nesta estrada
construindo a sua história.

ABRE-ALAS (MMM)

O abre-alas que eu quero passar
O abre-alas que eu quero passar,
Sou feminista, não posso negar
Sou feminista, não posso negar!

Ô abre alas que as mulheres vão passar,
Com essa marcha muita coisa vai mudar,
Nosso lugar não é no fogo ou no fogão,
A nossa chama é o fogo da revolução!

MULHER RENDEIRA (MMM)

Olê mulher rendeira,
Olê mulher rendá,
sai do pé desse fogão,
vem prá rua, vem lutar.

PETROLINA - JUAZEIRO JORGE DE ALTINHO

Nas margens do São Francisco
nasceu a beleza
E a natureza ela conservou
Jesus abençoou com sua mão divina
Pra não morrer de saudade
vou voltar pra Petrolina
Do outro lado do rio tem uma cidade
Que na minha mocidade
eu visitava todo dia
Atravessava a ponte, mas que alegria
Chegava em Juazeiro, Juazeiro da Bahia

Petrolina, Juazeiro
Juazeiro, Petrolina
Todas as duas eu acho uma coisa linda
Eu gosto de Juazeiro
Mas adoro Petrolina

Ainda me lembro
dos meus tempos de criança
Esquisita era a carranca
e o apito do trem
Mas achava lindo
quando a ponte levantava
E o vapor passava
num gostoso vai-e-vem

FESTA NA CAATINGA (GOGÓ)

É muito tarde e o dia foi se embora
A noite veio e o mundo se calou
Arrepiado se prepara para ver
A maravilha que o céu lhe preparou
É lindo ver a caatinga iluminada
É lindo ver a terra toda prateada
E a via láctea brilhando no sertão
É são tiago caminhado ao coração
Rodopiando pela caatinga
Bordado de estrelas que coisa linda
Rodopiando pela caatinga
Bordado de estrelas que coisa linda
A gente chega e fica olhando
O povo todo a cantar dançando
E se pergunta qual é a magia
Da convivência da tristeza e da alegria
É lindo ver o sanfoneiro tocando
É lindo ver a meninada só dançando
Rodopiando o corpo todo sobre chão
Rodopiando feito o giro do pião
Rodopiando pela caatinga
Bordado de estrelas que coisa linda
Rodopiando pela caatinga
Bordado de estrelas que coisa linda
Hoje tem festa lá na casa de socorro
O povo todo vai pra lá dançar de novo
E vai dançar a luz do candeeiro
Com alegria
que é possível ao umbuzeiro
É lindo ver todo mundo tá beleza
É lindo ver toda terra da tristeza
Mas quem sou eu para proibir
O povo todo de cantar se divertir
Rodopiando pela caatinga
Bordado de estrelas que coisa linda
Rodopiando pela caatinga
Bordado de estrelas que coisa linda
Rodopiando pela caatinga

Bordado de estrelas que coisa linda
Rodopiando pela caatinga
Bordado de estrelas que coisa linda

ÁGUA DE CHUVA (ROBERTO MALVEZZI/GOGÓ)

Colher a água
Reter a água
Guardar a água
quando a chuva cai do céu
Guardar em casa
Também no chão
E ter a água se vier a precisão.

No pé da casa você faz sua cisterna
E guarda a água que o céu lhe enviou
É dom de Deus, é água limpa,
é coisa linda
Todo idoso, o menino e a menina
Podem beber
que é água pura e cristalina.

Você ainda vai lembrar dos passarinhos
E dos bichinhos que precisam de beber
São dons de Deus, nossos irmãos,
nossos vizinhos
Fazendo isso honrará a São Francisco,
a Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero.

Você ainda vai lembrar
que a seca volta
E vai lembrar do velho dito popular
É bem melhor se prevenir que remediar
Zelee os barreiros,
os açudes e as aguadas
Não desperdice
sequer uma gota d'água.

BELEZA ILUMINADA. ROBERTO MALVEZZI (GOGÓ)

Eu tô falando da beleza iluminada
Que no sertão Deus fez
com jeito de menina
De madrugada ela segue pela estrada
Caminhando com leveza
feita uma bailarina
Nesse cenário que contém rara beleza
A lata d'água se equilibra na cabeça
E a menina segue esguia e retilínea
Juntando a delicadeza
com a força feminina
Ai, ai, ai, ai
É a lata d'água
naquele vai que num vai
Cai, cai, cai, cai
É o balanço da cintura
que balança mas num cai (Bis)

E vai sonhando
apesar das incertezas
Que o sofrimento
seja coisa do passado
Que o seu corpo
seja só luz e beleza
O gingo de passista
e o jeito de princesa
Que o seu corpo fique
leve, lindo e solto
E libertado desse peso
duro e morto
A sua aura seja plena de alegria
Para o amor que com certeza
ela encontrará um dia.

CHEGA DE ESMOLA ROBERTO MALVEZZI (GOGÓ)

Ah, se a terra e água
Criadas por Deus
Também fossem minhas.
Não passaria mais fome
Eu não migraria.

Dar esmola, seu dotô
Para um homem que é são
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia o cidadão (Gonzaga)

Olhando o sertão bonito
As águas que ele tem
E as terras que ele tem
Então eu pergunto a Deus
porque tanta terra
em tão poucas mãos
E eu como filho de Deus
não tenho nem terra,
nem água, nem pão
Chega de esmola.
Chegou a hora de ser cidadão.

COMIDA SERTANEJA ROBERTO MALVEZZI (GOGÓ)

Maria, Maria,
É o cheiro que vem da cozinha, Maria (Bis)

Beiju e cuscuz de milho,
Garapa de cana
E cachaça caseira.

Farinha de mandioca
Feijão nordestino
Arroz, macaxeira. (bis)

Na rede de caruá
morena conta as estrelas. (bis)

Enquanto eu viver por aqui
eu não vou trabalhar pros homens daí...
Se eu posso viver por aqui
eu não vou trabalhar pros homens daí

Maria, Maria,
É o cheiro que vem da cozinha, Maria (Bis)

O bode assado na brasa
A carne de sol
E a paçoca tropeira.

Um peixe com jerimum
Galinha caipira
Lá da capoeira.

Na rede de caruá morena
conta as estrelas (bis)

Enquanto eu viver por aqui eu não vou
trabalhar pros homens daí...
Se eu posso viver por aqui eu não vou
trabalhar pros homens daí

BODE (ROBERTO MALVEZZI (GOGÓ) E NILTON FREITAS.)

Menino segura esse bode
Menino segura esse bode
Senão teu bode foge
Senão teu bode foge

Do bode tu “come” a carne
Da cabra tu “bebe” o leite
O couro tu vendes na feira
Que é pra gente fazer a feira
Nessa sexta-feira
Lá na feira da cidade.

Buchada de manhã cedinho
Na barraca Maria já vai esquentar
Tem queijo e o sarapatel
Que tudo do bode é pra se aproveitar.

Pro bode não existe seca
Pro bode não existe cerca
Então segura esse bode
Por Deus, todo mundo acode
Pois porco, galinha e bode
É a poupança do pobre.

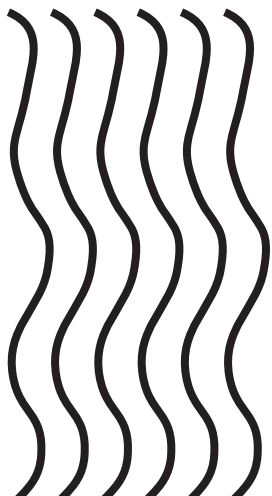


SOFRÊ (ROBERTO MALVEZZI (GOGÓ))

Sofrê,
Pássaro vermelho do sertão
Em teu nome, em tuas penas,
O nome e as penas do homem.

Parece o céu iluminado
Ou o sol incendiado
É o mundo encarnado
Ou um coração alado
Mais vermelho do que o sangue
Que cai sobre esse chão
Voando as manhãs do sertão
Mais lindo que o sol do verão.

É mais que mancha de fogo
É caatinga ensangüentada
É uma boca bem pintada
Que deseja ser beijada
E que canta nas madrugadas
Toca o coração e acalma
Voando as manhãs do sertão
Mais lindo que o sol do verão.



PAI NOSSO DOS MÁRTIRES (CIRENEU KUHN)

O, o, o, o, O, o, o, o
Pai nosso, dos pobres marginalizados
Pai nosso, dos mártires, dos torturados.
Teu nome é santificado naqueles que
morrem defendendo a vida,
Teu nome é glorificado, quando a justiça é
nossa medida
Teu reino é de liberdade, de fraternidade,
paz e comunhão
Maldita toda a violência que devora a vida
pela repressão.
O, o, o, o, O, o, o, o

Queremos fazer Tua vontade, és o
verdadeiro Deus libertador,
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas
pelo poder opressor.
Pedimos-Te o pão da vida,
O pão da segurança,
O pão das multidões.
O pão que traz humanidade,
Que constrói o homem em vez de canhões

Perdoa-nos quando por medo ficamos
calados diante da morte,
Perdoa e destrói os reinos em que a
corrupção é a lei mais forte.
Protege-nos da crueldade,
Do esquadrão da morte,
Dos prevaletidos
Pai nosso revolucionário,
Parceiro dos pobres,
Deus dos oprimidos
Pai nosso, revolucionário,
Parceiro dos pobres,
Deus dos oprimidos
O, o, o, o, O, o, o, o

SEBASTIANA (JACKSON DO PANDEIRO)

Convidei a comadre Sebastiana
Pra cantar e xaxar na Paraíba
Ela veio com uma dança diferente
E pulava que só uma guariba
E gritava: a, e, i, o, u, y
Já cansada no meio da brincadeira
E dançando fora do compasso
Segurei Sebastiana pelo braço
E gritei, não faça sujeira
O xaxado esquentou na gafeira
E Sebastiana não deu mais fracasso
Mas gritava: a, e, i, o, u, y

O RABO DO JUMENTO (ELINO JULIÃO)

Você disse que é brabo nascimento
Você cortou o rabo do jumento
Eu não quero pagamento, nascimento
Eu quero é outro rabo no jumento
Ele entrou no seu roçado
junto com o gado
Comeu um pezinho de coentro
Nascimento eu não quero pagamento
Eu quero é outro rabo no jumento
Mas você diz que é brabo, nascimento
Você cortou o rabo do jumento
Eu não quero pagamento nascimento
Eu quero que outro rabo no jumento
Veja pessoal, que mau elemento
Não sei se o animal é ele ou o jumento
Nascimento eu não quero pagamento
Eu quero é outro rabo no jumento

NA SOMBRA DO JUAZEIRO (Eliano Julião)

Meu bem vem cá, venha ligeiro
Eu vou lhe esperar,
na sombra do juazeiro

Viver sem carinho eu juro que não dá
Achei um cantinho pra nos conversar
O povo do lugar é tão fuxiqueiro
Eu vou lhe esperar
na sombra do juazeiro

Lá tem um banquinho
pra nos se sentar
Nos fica sozinho ninguém vai olhar
Pode sossegar que eu chego primeiro
Eu vou lhe esperar
na sombra do juazeiro



CARCARÁ (JOÃO DO VALE)

Carcará
Lá no sertão
É um bicho que avoa que nem avião
É um pássaro malvado
Tem o bico volteado que nem gavião

Carcará
Quando vê roça queimada
Sai voando, cantando,

Carcará
Vai fazer sua caçada
Carcará come inté cobra queimada

Mas quando chega o tempo da invernada
No sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim num passa fome

Os burrego que nasce na baixada
Carcará
Pega, mata e come
Carcará

Num vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que homem
Carcará
Pega, mata e come
Carcará é malvado, é valentão
É a águia de lá do meu sertão
Os burrego novinho num pode andá

Ele puxa o umbigo inté matá
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Num vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que homem
Carcará

FUNERAL DE UM LAVRADOR (JOÃO CABRAL DE MELO NETO)

Esta cova em que estás
com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É de bom tamanho
nem largo nem fundo
É a parte que te cabe
deste latifúndio
Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida
É uma cova grande
pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho
que estavas no mundo
É uma cova grande
pra teu defunto parco
Porém mais que no mundo
te sentirás largo
É uma cova grande
pra tua carne pouca
Mas a terra dada,
não se abre a boca
É a conta menor que tiraste em vida
É a parte que te cabe
deste latifúndio
É a terra que querias ver dividida
Estarás mais ancho q
ue estavas no mundo.

A VOLTA DA ASA BRANCA (ZÉ DANTAS)

Já faz três noites
Que pro norte relampeia
A asa branca
Ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas
E voltou pro meu sertão
Ai, ai eu vou me embora
Vou cuidar da plantação

A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se alembrou
De mandar chuva
Pra esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiador

Rios correndo
As cachoeira tão zoando
Terra moiada
Mato verde, que riqueza
E a asa branca
A Tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza
E a asa branca
A Tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza.

Sentindo a chuva
Eu me recordo de Rosinha
A linda flor
Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário
Vou casar no fim do ano.
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário
Vou casar no fim do ano.

LINDO LAGO DO AMOR (GONZAGUINHA)

E bem que viu o bem-te-vi
A sabiá sabia já
A lua só olhou pro sol
A chuva abençoou

O vento diz ele é feliz
A águia quis saber
Por que, porque, porquois será?
O sapo entregou

Ele tomou um banho d'água fresca
No lindo lago do amor
Maravilhosamente clara água
No lindo lago do amor.

ASSUM PRETO (LUIZ GONZAGA)

Tudo em vorta é só beleza
Sol de Abril e a mata em frô
Mas Assum Preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor
Mas Assum Preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor
Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá mió
Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá mió
Assum Preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá
Assum Preto, o meu cantar
É tão triste como o teu
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus.



Realização:



Parceria:

